anuário antropológico
v. 48 • nº 1 • janeiro-abril • 2023.1

Apresentação do Dossiê “O Cuidado e suas Matérias: diálogos entre a antropologia do cuidado e os estudos sociais da ciência e tecnologia”

Presenting the Special Issue “Care and its Matters: dialogues between the anthropology of care and the social studies of science and technology”

DOI: https://doi.org/10.4000/aa.10534

Cíntia Engel

Universidade Federal da Bahia – Brasil

ORCID: 0000-0002-6099-8920

cintiaengel@gmail.com

Pesquisadora associada ao Coletivo de Antropologia e Saúde Coletiva – CASCA, da Universidade de Brasília (UnB) e do instituto mulheres e economia – imuê. Possui pesquisas e consultorias nos temas do cuidado, envelhecimento, demências e complexidade medicamentosa.

Helena Fietz

Rice University – Estados Unidos da América

ORCID: 0000-0002-6568-4760

helenafietz@gmail.com

Antropóloga, professora de antropologia na Rice University e pesquisadora vinculada ao Grupo de Pesquisa Ciências na Vida/UFRGS e ao Grupo de Estudos em Antropologia e Deficiência/UFRGS. É especialista em cuidado e deficiência.

O que acontece quando levamos a sério a multidão articulada para se realizar o cuidado e a ambivalência das consequências materiais de suas práticas? Essa questão-problema mobiliza a organização do presente dossiê. Este material entra no *boom* da atenção dada ao cuidado nos últimos anos, mas destaca algo ainda pouco discutido: seu caráter mais que humano, atravessado por agencialidades múltiplas. Os quatro artigos originais que o compõem oferecem engajamentos específicos que destacam contribuições dos estudos da ciência e tecnologia para os estudos sobre o cuidado, e vice-versa. O dossiê conta ainda com a tradução da introdução do livro *Matters of care: Speculative ethics more than human worlds*, de Maria Puig de la Bellacasa (2017), o qual se alinha com as etnografias e cria junto com elas.

Enquanto estudos sobre cuidado a partir das lentes metodológicas da ciência e tecnologia têm ganhado visibilidade no Norte Global, pesquisas do tipo na América Latina e Brasil parecem incipientes. Propomos, contudo, que esta impressão decorre do fato de tais iniciativas estarem dispersas, sem muitos diálogos diretos, espaços de troca e articulação. Esperamos com este dossiê fazer espaço para que essas ideias se associem, provoquem-se entre si, transbordem e propiciem novos acoplamentos. Os trabalhos aqui reunidos promovem aproximações entre o aparato teórico-metodológico dos estudos da ciência e tecnologia e uma variada literatura sobre o cuidado. Centrados em problemas de pesquisa muito situados e distintos, eles discutem cuidado a partir de seus coletivos, infraestruturas ou ecologias específicas. Observam-no em uma constante disputa pelo que é fazer o bem, atentando para como tal disputa gera efeitos variados em combinação com marcadores da diferença como raça, deficiência, situação de habitação, classe. Não apresentamos este dossiê como um amplo e representativo mapeamento do campo no Brasil. Queremos sim mobilizar suas potenciais contribuições partindo de vivas e originais etnografias que conhecemos por meio de nossas incursões e relações e, com isso, esperamos ampliar conexões e destacar o que os estudos da ciência e tecnologia adicionam e provocam ao circuito variado dos estudos sobre o cuidado.

Aproximamo-nos deste problema por meio de nossas próprias experiências de pesquisa. Quando em diálogo com mães de adultos com deficiência intelectual se articulando para garantir uma política de moradia alternativa ao cuidado familiar, Helena seguiu a construção de infraestruturas de cuidado, sua relevância no cotidiano dos coletivos envolvidos com a deficiência intelectual e os desafios e tempos necessários na criação de uma moradia de longo prazo para pessoas que dependem de apoio e cuidado. Situada no cuidado geriátrico e familiar das demências, Cíntia notou o movimento amplo e complexo do que é fazer uma rotina em meio a medicamentos, sistema de saúde, linhas de ônibus e mercado de cuidadoras profissionais. Ambas entendemos que cuidado tem um caráter ecológico, no sentido de que se efetua por meio de relacionalidades e interdependências radicais, como diria Butler. Para nós, sair do caráter interpessoal, moral ou humano-centrado do debate sobre cuidado pareceu inescapável. Encontramo-nos por meio de nossas defesas virtuais de teses em 2020 e, desde então, articulamos e pensamos juntas

como aproximar mais pesquisas contemporâneas interessadas nesse movimento, seguindo ainda os passos de referências que iniciaram esse diálogo no Brasil, como Octavio Bonet (2014), Iara Souza (2015), Cecília McCallum e Fabíola Rohden (2015), Soraya Fleischer (2018), entre outros.

Com tal projeto em vista, organizamos em 2021 um GT na IV Reunião de Antropologia da Saúde chamado "Autonomias e dependências: Narrando práticas de cuidado e seus valores internos". Pedimos que os/as autoras discutissem como diferentes práticas de cuidado manejam e compõem autonomias e dependências, inclusive materialmente. Lemos trabalhos por demais instigantes e nos aproximamos especialmente da etnografia sobre cuidados paliativos desenvolvida por Lucía Copellotti, autora que veio a compor este dossiê. Ainda em 2021, organizamos, com Eliza Williamson, o GT "*Anthropologies of care and politics of knowledge: Situating care"*, na XXI International Union of Anthropological and Ethnological Sciences – IUAES. Nele, provocamos as diferentes tradições nacionais e teóricas no debate sobre cuidado a discutirem pontes e distanciamentos em suas abordagens. Na oportunidade, conhecemos os projetos sobre cuidado levados adiante por Gretel Ezachú na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), além do trabalho de Lucrécia Greco, pesquisadoras preocupadas com a decolonialidade do saber e do cuidado e que se tornaram parceiras na tradução do texto de Maria Puig de la Bellacasa, que compõe o dossiê. Os GTs promoveram discussões profícuas, conhecemos coletivos de cuidado variados, recortes de pesquisa criativos, assim como distintas tradições teóricas e modos de narrar.

Como diria Bellacasa (2017), é importante assumir que não existe apenas um circuito de produção com o qual dialogar quando falamos em estudos sobre cuidado. O termo cuidado é intricado, significa muitas coisas e articula campos de estudos variados, que nem sempre dialogam entre si. Os estudos sobre a ética do cuidado (Gilligan 1982, Fischer e Tronto 1990, Tronto 1993, Held 1995, Kittay 1999, Molinier 2014, Hirata e Guimarães 2012), divisão sexual do trabalho e configurações familiares (Glenn 1992, Sorj 2013, Fernandes 2018, Lustosa 2021, Federici 2019) talvez sejam os mais conhecidos, mas de modo algum resumem o campo. Cuidado enquanto categoria êmica e em disputa é investigado pela antropologia médica e da saúde (Fleischer 2018, Bonet 2014, Mattingly, Grøn e Meinert 2011); economias do cuidado e sua geopolítica colonial racista são tema de pesquisas antropológicas, econômicas e sociológicas (Gonzalez 1984, Zelizer 2011, Debert 2012, Engel e Pereira 2015); cuidado como exercício de poder é discutido pelos estudos da deficiência (Guimarães 2010, Kafer 2013, Mello 2013, Aydos e Fietz 2017, Piepza-Samarasinha 2018, von der Weid 2018, Mello e Fietz 2018), para citar alguns outros circuitos. No Brasil e América Latina, ainda, um conjunto multidisciplinar de pesquisadoras tem produzido sobre a "organização social do cuidado", apontando para os modos pelos quais o cuidado é manejado socialmente e constitui organização social (González Torralbo 2013, Faur 2014, Guimarães e Vieira 2020). Na antropologia brasileira, temos ainda a experiência de coletâneas e dossiês ricos, densos e que mobilizam o cuidado a partir de diferentes tradições teóricas (entre eles, Debert e Pulhez 2017, Finamori e Ferreira 2018, Casanova e Brites 2019,

Mon e Longhi 2020, Zarias 2020).

A variedade de temáticas e discussões teóricas presentes nos dossiês nacionais é considerável. Contudo, notamos que poucos trabalhos propõem uma conversa direta entre o aparato teórico-metodológico dos estudos da ciência e tecnologia e os estudos de cuidado. Intentando conhecer mais trabalhos articulando tal diálogo, chamamos, com a colaboração de Claudia Fonseca, um Grupo de Trabalho para o IX Simpósio Nacional de Ciência, Tecnologia e Sociedade (ESOCITE). Na época, não tivemos coro suficiente para efetivar o GT, o debate parecia não priorizado na agenda nacional dos estudos sobre cuidado – os quais ganharam um gás desde a pandemia de Covid-19 e seus dilemas específicos. Tal fato nos animou ainda mais a montar este dossiê. Em 2022, por fim, participamos de uma mesa na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) junto de Natália Fazzionni, Cláudia Fonseca e Soraya Fleischer, espaço no qual tivemos a oportunidade de discutir, de maneira direta, os debates que o formam, assim como convidar Natália para compô-lo. Cláudia ainda nos levou ao trabalho de Helena Lancellotti e com ela nos premia com uma fina reflexão.

Com os textos deste dossiê, defendemos que os estudos da ciência e tecnologia contribuem para a já extensa produção sobre o cuidado adicionando atores a ele e complicando as reflexões sobre o que é fazer o bem, reparar e manter algo acontecendo. Na introdução de seu livro *Matters of Care: Speculative Ethics More than Human Worlds*, a filosofa da ciência e tecnologia Maria Puig de la Bellacasa (2017) nos convida a "pensar com o cuidado", o que, por sua vez, nos leva a uma análise de como valores e normas se conformam e são conformados em relações das quais fazem partes atores humanos e não humanos. Em seu livro, Bellacasa (2017) coloca em diálogo os estudos da ciência e tecnologia com o vasto campo dos estudos do cuidado. Donna Haraway, Bruno Latour e Annemarie Mol conversam com Joan Tronto em uma experimentação intelectual interessada na ciência, suas preocupações e criações, assim como em uma política de conhecimento cuidadosa, que atente ainda para as não simples ou inocentes práticas de cuidado em mundos mais que humanos. Ao pensar práticas de cuidado, Bellacasa se pergunta: de qual multidão de entes, objetos, tecnologias e seres nos referimos em cada situação? E, além disso, quem pode falar sobre tal multidão na arena pública, de que forma fala e quais relações cria? Em 2021, tomadas pelo interesse no trabalho da autora, engatamos um grupo de estudos sobre o livro como um todo, junto de Daniela Dalbosco Dell'Aglio, a quem, por fim, também convidamos para compor este dossiê.

O trabalho de Bellacasa insere-se dentro de uma lente metodológica mais ampla que leva tanto a olhar para atores e agencialidades não humanas, como a descer para as práticas, para o modo de fazer em disputa e realização. Pesquisadoras do campo da ciência e tecnologia nos chamam a "pensar o cuidado em seus próprios termos" (Mol 2008) por meio de um olhar para as práticas, as quais, segundo essa corrente teórica, não antecedem nem precedem o cuidado enquanto valor moral. O cuidado deve ser analisado, portanto, em termos das interações e intervenções que suscita. As perguntas mudam. Reconhecendo-se a multiplicida-

de do cuidado, deixa-se de focar em "o quê" do cuidado (o que ele é, o que deixa de ser) para pensar sobre como ele é feito, quem (que multidão) o realiza, por que o faz e, mais do que isso, quem "se importa" (Mol 2008, Bellacasa 2017).

Como orientação teórica de base, poderíamos partir de um retorno ao trabalho neoclássico de Annemarie Mol (2008), autora cada vez mais mobilizada em circuitos que discutem cuidado, saúde, biomedicina e ciência e tecnologia. E, sem dúvida, é uma referência fundamental para todos os trabalhos do dossiê, junto de Jeannette Pols (2015) e Ingunn Moser (2015), as quais nos propõem a pesquisar o cuidado nas suas práticas, ambivalências e constantes ajustes. Mais do que oferecer novos conceitos a serem aplicados em modos clássicos de fazer pesquisa, essas autoras nos guiam metodologicamente a seguir os atores e pensar suas conexões. Contudo, ao escolher o diálogo com Bellacasa para iniciar o dossiê, tomamos uma posição dentro do campo. Profundamente influenciada por Donna Haraway, Bellacasa mergulha mais fundo nos problemas historicamente levantados pelos estudos de cuidado e seu legado crítico feminista, conectando-os, de forma complexa e criativa, com os estudos feministas e antirracistas da ciência e tecnologia e ecologia. Esse movimento se alinha mais intimamente com nossas preocupações, assim como com as preocupações da produção brasileira contemporânea sobre o cuidado e suas interseccionalidades – algo que se destaca nas quatro etnografias originais deste dossiê.

O texto de Helena Lancellotti e Cláudia Fonseca evidencia a importância da relação entre atores humanos e não humanos na provisão do cuidado e para como estes acoplamentos sociotécnicos configuram práticas e relações. Centrando sua análise nas tornozeleiras eletrônicas e seu papel enquanto tecnologia de ressocialização de apenados na cidade de Porto Alegre, as autoras provocam a discussão de cuidado levando-a a um "terreno tóxico". Pensando em termos de infraestruturas de cuidado, Lancellotti e Fonseca chamam atenção para o arranjo sociotécnico específico que enreda pessoas e tornozeleiras. O objetivo, aqui, é tirar o cuidado de suas moralidades e escolhas individuais e discutir a infraestrutura na qual ele atua – gerando consequências das mais diversas. As tornozeleiras, para que se tornem elementos de ressocialização dentro de um sistema penitenciário, dependem de toda uma rede de cuidado doméstica, exercida majoritariamente por mulheres da família, esposas e mães, que precisam garantir que elas atuem de forma alinhada com softwares de controle. Logo, as infraestruturas de cuidado que permitem a atuação das tornozeleiras são compostas também por pessoas que cuidam – carregando-as na hora certa, mapeando percursos possíveis, pedindo autorizações por meio de telefones concorridos ou horas de espera em instituições públicas. Ao não contarem com esse cuidado, tornozeleiras se efetivam como tecnologias de controle, punição e aprisionamento.

O cuidado sustenta um tipo de procedimento que controla e oprime a população carcerária e, em certa medida, tenta mitigar os riscos previstos em sua aplicação. Pessoas sem redes possíveis e as mulheres envolvidas na manutenção dessas redes se vulnerabilizam na atuação de cuidado demandada pelas tornozeleiras. Como argumentam as autoras em diálogo com Bellacasa (2017) e Murphy (2015),

cuidado precisa ser deslocado de uma expectativa moral unívoca de fazer o bem, precisa ser situado nos problemas e agenciamentos de opressões nos quais se enreda e, muitas vezes, dá suporte. Assim caminhamos para uma conversa ampla sobre o seu aspecto político. Com isso, o artigo conta a história de pessoas, aviva as tornozeleiras em suas relações complexas com apenados e sistema de justiça, desvia de soluções fáceis, observa a materialização das interseccionalidades na vida dos sujeitos e agrega pontos fundamentais sobre o caráter ambíguo de se envolver (ou ser envolvida) em redes de cuidado.

Outro ponto trazido pelos artigos deste dossiê, em diálogo com os estudos da ciência e tecnologia, é a chamada para um olhar não moralizante para as práticas de cuidado. Ao contrário, os textos descrevem como o fazer "bom cuidado" e "mau cuidado", ou o fazer "bem" ou "mal", está sendo constantemente negociado nas práticas de seus interlocutores em meio à rede sociotécnica da qual fazem parte. Neste sentido, o texto de Lucía Copelotti é fundamental. A autora segue o processo de tomada de decisão encenado em um serviço de cuidados paliativos de um hospital universitário em São Paulo e observa como uma miríade de atores – incluindo profissionais de cuidados paliativos, intensivistas, neurologistas, fisioterapeutas, familiares, entre outros – decidem o que fazer quando confrontados com uma decisão específica de intervir causando dor ou deixar a doença seguir seu curso. Inspirada pela perspectiva teórico-metodológica de Annemarie Mol e Jeannette Pols, Lucía abre mão de criar modelos sobre o cuidado, explicando-o a partir de um certo número de categorias, relações, dimensões ou moralidades. Pelo contrário, a autora foca sua narrativa no modo como valores e protocolos de cuidado são constantemente ajustados na prática, deslizam, se rearticulam, são implicados em circuitos específicos de "fazer o bem". Cuidado, nessa perspectiva, envolve "a composição de arranjos relacionais e provisórios, resultantes das contradições inerentes ao cuidar", como fraseia Copelotti.

No caso específico dos cuidados paliativos, a autora nos leva a conhecer a complexidade envolvida em colocar em prática valores como "dignidade" e "intervenções invasivas". É comum associarmos cuidado com "fazer o bem", ou, pelo menos, agir de acordo com essa intenção. Puig de la Bellacasa (2017), assim como outras autoras que casam o modo de pensar dos estudos da ciência e tecnologia com a discussão sobre cuidado, assumem que o cuidado é uma prática com resultados em aberto, e que envolve disputas e agregações sobre quais bens defender. Por meio de um caso, Copelotti nos leva a conhecer os muitos bens em disputa no processo de tomada de decisão, assim como a rede de humanos e não humanos emaranhados nele – e as múltiplas consequências e controvérsias de cada decisão. Observar um caso tem uma potência específica para o tipo de atenção etnográfica ao cuidado proposta. O caso encena (ou *enact*) um certo coletivo de cuidado em atuação. O texto narra, de forma densa e viva, todo um universo de cuidado, suas contradições, arranjos e desafios impossíveis de pacificar de uma vez só.

Podemos dizer, ainda, que os textos deste dossiê apontam para a necessidade de desindividualizarmos o cuidado e fugirmos de narrativas heroicas em sua provisão. Respondendo ao chamado de Annemarie Mol (2008) para que estejamos

atentas ao coletivos que fazem parte das tomadas de decisão, bem como para as condições de possibilidade em que estas se dão, as autoras nos chamam a pensar todas as conexões e relacionalidades radicais realizadas a partir das práticas de cuidado. Em seu artigo, Natália Fazzioni sensivelmente nos guia no fazer de uma casa e de um corpo na atuação do cuidado em "manter as coisas juntas", íntegras. Leva-nos às dificuldades e arranjos que se articulam e desarticulam para manter alguém vivo. A autora coloca em diálogo dados de sua etnografia sobre cuidado na assistência básica de saúde do SUS no Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, com sua experiência enquanto docente e supervisora de um curso de medicina. Atentando para a sensação de impotência experimentada por muitos estudantes ao se depararem com dilemas econômicos e sociais que imobilizam os efeitos do cuidado biomédico, Fazzioni reflete sobre o caráter necessariamente coletivo do cuidado. Articulando uma literatura clássica sobre cuidado, a discussão de interseccionalidade e a perspectiva dos estudos da ciência e tecnologia, a autora nos faz olhar para os difíceis, situados e desiguais efeitos do cuidado – sem espaço para pacificar narrativas de heroísmos ou soluções individuais.

A autora retoma sua reflexão sobre "arranjos de cuidado", algo que vem desenvolvendo em sua trajetória no diálogo com a perspectiva de que cuidados envolvem constantes ajustes em mundos ambivalentes (Mol, Moser e Pols 2010). Ao focar nos arranjos, nos faz notar a radical relacionalidade colocada em cena para levar adiante um serviço como a assistência básica de saúde. Mas também chama atenção para a importância da manutenção desses arranjos, já que não os ter, não poder contar com eles ou vê-los se desfazer têm consequências muito reais na vida dos sujeitos. O texto, enquanto articula uma teoria etnográfica potente, cria pontes com estudantes de medicina em seus desafios práticos de atuação. Fazzioni nos mostra também possíveis caminhos para estabelecermos diálogos com profissionais da saúde acerca de suas práticas. Poderíamos dizer que a autora pensa com o cuidado (Bellacasa 2017), dando espaço para a controversa rede de atores que pode estar envolvida nele e levando a sério os dilemas desses diferentes atores – sem perder de vista os efeitos nocivos e perversos de um cuidado mobilizado com e a partir de relações desiguais de gênero, raça, classe, segurança e condição de habitação.

Por fim, destacamos que esta perspectiva teórica nos chama não apenas a "pensar com o cuidado", mas também a "pensar com cuidado" (Bellacasa 2017), ou seja, requer uma constante reflexividade das pesquisadoras sobre suas próprias práticas enquanto alguém que "se importa", sobre como "se importar" e sobre por que "nos importamos" com aquilo que estudamos. Um fazer-pesquisa que nos coloca também enquanto atores desta rede de cuidados com todas nossas especificidades. O texto de Daniela Dalbosco Dell'Aglio reflete sobre aspectos éticos e sensórios de se fazer pesquisa sobre cuidado – enquanto se está enredada em redes de cuidado mais amplas. A autora narra como foi seu trabalho de pesquisa na Comuna Pachamama, localizada no interior do estado do Rio Grande do Sul. A comunidade, de orientação anarquista, preza por práticas de cuidado coletivas – com a terra, casa e pessoas. Daniela foi a campo com sua filha de três anos e meio.

A presença da criança e as demandas da maternagem, mais do que algo externo ao campo ou pensado como fatores que o desafiam, são tomados como parte indissociável da pesquisa. Para tanto, Dell'Aglio articula sua categoria central de análise: a de pesquisadora-mãe.

Com apoio de Donna Haraway e Maria Puig de la Bellacasa, a autora discute o tipo de conexões que fazem parte do que chamamos de pesquisadora, imaginando-as por meio de tentáculos mobilizadores de alianças em campo. Faz uso de um corpo expandido para compreender de forma mais próxima o que é participar efetivamente do cuidado em determinado contexto. Mais que isso, a autora reflete sobre os desafios, as coisas que dão errado, os desencontros desse processo. Segue o conselho de Bellacasa (2017) sobre pensar com o tato e sua necessária reciprocidade, que pode ser acolhedora, necessária e/ou danosa. A autora embarca em um exercício ético e metodológico sobre como uma pesquisadora-mãe se constrói a partir das práticas e suas relacionalidades e como podemos aprender algo mais sobre reciprocidades complexas do cuidado. Com isso, ela evidencia o caráter político do cuidado enquanto central para a vida e para o nosso engajamento com o mundo.

Por fim, propomos que os textos aqui presentes apontam para aquela que consideramos ser uma das grandes contribuições das pesquisas realizadas no Brasil para o campo. Isso porque, a produção brasileira se dá em diálogo com a produção latino-americana sobre o cuidado que nos convoca a prestar atenção na organização social e interseccionalidades, além de dar espaço ao contexto sócio-histórico em que estas práticas se efetuam. A partir desta abordagem, a atenção a práticas específicas e localizadas não pode prescindir de um olhar mais amplo em que estas sejam situadas dentro dos emaranhados de infraestruturas e políticas locais e globais.

Buscamos nesta apresentação destacar as relações que conformaram a feitura deste dossiê. Não tivemos, com isso, a pretensão de dar conta da totalidade do campo ou apresentar uma descrição exaustiva da vasta literatura nacional e internacional sobre o cuidado. Contudo, ao apresentarmos o material que o compõe, esperamos mobilizar relações passadas, presentes e futuras e convidar para que cada texto seja conhecido com calma, em sua inteireza – todos são muito ricos nos mundos e problemas que nos deixam conhecer. Esperamos, também, que este dossiê seja um chamado para que novas relações e diálogos se estabeleçam. Afinal, como os textos bem demonstram, se envolver com cuidado é, por princípio, ocupar um terreno ambíguo, sujo, perigoso. Significa aprender a lidar com a bagunça inerente a essas práticas e é, também, a única possibilidade de estarmos atentas ao mundo.

Recebido em 20/03/2023
Aprovado para publicação em 23/03/2023 pela editora Kelly Silva (https://orcid.org/0000-0003-3388-2655)

Referências

Bonet, Octavio. 2014. "Itinerações e malhas para pensar os itinerários de cuidado: A propósito de Tim Ingold". *Sociologia & Antropologia* 4, nº 2: 327–50.

Casanova, Eryn Masi de, e Jurema Brites, orgs. 2019. "Dossiê Trabalho, Cuidado e Emoções". *Século XXI – Revista de Ciências Sociais* 9, nº 3.

Debert, Guita Grin, e Mariana Marques Pulhez, orgs. 2017. "Apresentação. Desafios do cuidado: Gênero, velhice e deficiência". *Textos Didático*s, nº 66. Campinas: Unicamp.

Debert, Guita Grin. 2016. "Migrações e o cuidado do idoso". *Cadernos Pagu*, nº 46: 129–49.

Engel, Cíntia, e Bruna C. J. Pereira. 2015. "A organização social do trabalho doméstico e de cuidado: Algumas considerações sobre gênero e raça". *Revista Punto Género*, nº 5: 4–24.

Faur, Eleonor. 2014. *El cuidado infantil en el siglo XXI.* Buenos Aires: Siglo Veintiuno.

Federici, Silvia. 2019. "Social reproduction theory. History, issues and present challenges". *Radical Philosophy*, nº 204: 55–7.

Fernandes, Camila. 2018. "O tempo do cuidado: Batalhas femininas por autonomia e mobilidade". In *(Des)Prazer da norma*, editado por Evergon Rangel, Camila Fernandes, e Fátima Lima, 297–320. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens.

Fietz, Helena Moura, e Anahí Guedes de Mello. 2018. "A multiplicidade do cuidado na experiência da deficiência". *Revista Anthropológicas* 29, nº 2: 114–41.

Finamori, Sabrina, e Flávio Rodrigo Ferreira, orgs. 2018. "Dossiê Gênero, cuidado e famílias: Tramas e interseções". *Mediações: Revista de Ciências Sociais* 23, nº 3.

Fischer, Berenice, e Joan Tronto. 1990. "Toward a Feminist Theory of Caring". In *Circles of care: Work and identity in women's lives*, editado por Emily K. Abel, e Margareth K. Nelson, 35–62. Albany: SUNY Press.

Fleischer, Soraya. 2018. *Descontrolada: Uma etnografia dos problemas de pressão*. São Carlos: EdUFSCar.

Gilligan, Carol. 1982. *In a different voice.* Cambridge: Harvard University Press.

Glenn, Evelyn Nakano. 1992. "From servitude to service work: Historical continuities in the racial division of paid reproductive labor". *Signs* 18, nº 1: 1–43.

Gozalez, Lélia. 1984. "Gênero e raça. Racismo e sexismo na cultura brasileira". *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs: 223–44.

Guimarães, Raquel. 2010. "Gênero e deficiência: Um estudo sobre as relações de cuidado". In *Deficiência e Discriminação*, editado por Débora Diniz, e Wederson Santos, 197–228. Brasília: Letras Livres; Editora da UnB.

Held, Virginia. 1995. "The meshing of care and justice". *Hypatia* 10, nº 2: 128–33.

Hirata, Helena, e Nadya Araújo Guimarães, orgs. 2012. *Cuidado e cuidadoras*: *As várias faces do trabalho do Care*. São Paulo: Atlas.

Kittay, Eva F. 1999. *Love's labor: Essays on women, equality and dependency*. New York: Routledge.

Lustosa, Raquel. 2021. "Os itinerários de Tereza: Práticas de cuidado, mobilidade e luta associados ao contexto da 'micro'". *Pós – Revista Brasiliense de Pós-Graduação em Ciências Sociais*, nº 16: 151–90.

Mattingly, Cheryl, Lone Grøn, e Lotte Meinert. 2011. "Chronic homework in emerging borderlands of healthcare". *Culture, Medicine and Psychiatry*, nº 35: 347–75.

McCallum, Cecília, e Fabíola Rohden. *Corpo e saúde na Mira da Antropologia: Ontologias, práticas, traduções*. Salvador: Edufba, 2015.

Mello, Anahí Guedes de. 2014. "Gênero, deficiência, cuidado e capacitismo: Uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência". Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina.

Mol, Annemarie, Ingunn Moser, e Jeannette Pols. 2010. "Care: Putting practice into theory". In *Care in Practice: On Tinkering in Clinics, Homes and Farms*, editado por Annemarie Mol, Ingunn Moser, e Jeannette Pols, 7–25. Verlag: Transcript.

Mol, Annemarie. 2008. *The logic of care: Health and the problem of patient choice*. New York: Routledge.

Molinier, Pascale. 2012. Ética e trabalho do Care. In *Cuidado e cuidadoras*: *As várias faces do trabalho do Care,* editado por Helena Hirata, e Nadya Araújo Guimarães, 29–43. São Paulo: Atlas.

Mon, Ana Domingues, e Marcia Reis Longhi, orgs. 2020. "Dossiê 'Os cuidados' em sua dimensão prática e afetiva". Áltera Revista de Antropologia, 3, nº 11.

Moser, Ingunn. 2005. "On Becoming Disabled and Articulating Alternatives: The multiple modes of ordering disability and their interferences". *Cultural Studies* 19, nº 6: 667–700.

Murphy, Michelle. 2015. "Unsettling Care: Troubling transnational itineraries of care in feminist health practices". *Social Studies of Science* 45, nº 5: 717–37.

Piepzna-Samarasinha, Leah Lakshmi. 2018. *Care work: Dreaming of disability justic*e. Vancouver: Arsenal Pulp Press.

Pols, Jeannette. 2015. "Towards an empirical ethics in care: Relations with technologies in health care". *Medicine, Health Care and Philosophy* 18, nº 1: 81–90.

Puig de La Bellacasa, Maria. 2017. *Matters of care:* Speculative ethics in more than human worlds. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Sorj, Bila. 2013. "Arenas de cuidado nas intersecções entre gênero e classe social no Brasil". *Cadernos de Pesquisa* 43, nº 149: 478–91.

Souza, Iara. 2015. "E a noção de ontologias múltiplas e suas consequências políticas". *Ilha*, nº 17: 49–73.

Tronto, Joan. 1999. *Moral boundaries: A political argument for an ethic of care*. London: Routledge.

Von der Weid, Olivia. 2018. "Entre o cuidado e a autonomia: Deficiência visual e relações de ajuda". *Revista Anthropológicas* 29, nº 2: 49–82.

Zarias, Alexandre, org. 2020. "Dossiê Cuidado". *Coletiva*, nº 29.

Zelizer, Vivian A. 2011. *Economic lives: How culture shapes the economy*. Princeton: Princeton University Press.